

APRESENTAÇÃO

Por que o gênero é relevante? Qual é a necessidade ou importância de publicar dossiês ou conduzir pesquisas sobre gênero e diversidade sexual no Brasil? Qual é a urgência em debater o gênero nas escolas? Estas são algumas das dezenas de perguntas frequentemente ouvidas por pesquisadores/as de gênero e diversidade sexual. Há várias maneiras de responder a essas perguntas, e uma delas é apresentar dados que ajudam a dirimir essa “ignorância”.

Anualmente, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) divulga o *Atlas da Violência* com os dados de violência no Brasil. No relatório com os dados correspondentes ao ano de 2023, é possível perceber o aumento de casos de feminicídio no país em apenas um ano, totalizando 3.858 mulheres mortas, tornando-as um dos maiores grupos de vítimas de violência cotidiana. Ao analisarmos essas estatísticas, considerando a questão da raça, chegamos ao resultado de 2.601 mulheres negras assassinadas, o que representa 67,4%. Já o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que em 2023 divulgou a quarta edição da pesquisa *Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil*, mostra que quase 30% das brasileiras sofreram algum tipo de violência ou agressão durante o ano de 2022. Se buscarmos os dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS/IBGE) e os registros administrativos nacionais, ficamos sabendo que, a cada ano, há pelo menos 822 mil casos de estupro no país, sendo que apenas 8,2% desses casos chegam ao conhecimento das instituições de segurança pública ou de saúde e apoio a vítima de violência sexual.

Em relação aos dados sobre violência contra pessoas LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero e mais), de acordo com o Grupo Gay da Bahia (GGB), a mais antiga Organização Não Governamental LGBT da América Latina e que há mais de 40 anos conduz pesquisas sobre mortes causadas por homotransfobia, no ano de 2023, 257 LGBTQIA+ foram vítimas de morte violenta no país, sendo pessoas travestis e transexuais as maiores vítimas (127), em seguida, gays (118), lésbicas (9) e bissexuais (3), o que faz do Brasil o país mais perigoso para quem é sexualmente dissidente e desafia a norma heterossexual.

Este dossiê, além de buscar contribuir para a redução das diversas formas de violência contra mulheres e LGBTQIA+ brancos/as e não-brancos/as, apresenta também reflexões que possibilitam pensar o gênero e as sexualidades em vários âmbitos da pesquisa científica e em instâncias como a mídia, a escola, entre outros espaços. Isso só se torna possível devido aos feminismos.

O surgimento dos estudos feministas no cenário brasileiro propiciou a criação de um campo analítico, epistemológico e político que se apresenta de maneira bastante inovadora e abrangente para as investigações nas Ciências Humanas. Comprometidos com a formulação de indagações acerca dos modos de produção da desigualdade e de suas estratégias de normalização em relação aos corpos, identidades e sexualidades, os estudos de gênero fornecem bases empíricas e epistêmicas que, no âmbito da pesquisa na historiografia, abrangem desde a percepção dos fenômenos até a construção teórica e metodológica.

A ampliação do escopo de interesses impulsionou um movimento substancial em direção aos estudos das sexualidades e aos estudos *queer*, os quais, em abordagem interdisciplinar, têm contribuído com propostas relevantes para a compreensão dos processos sociais, políticos, culturais, ambientais e econômicos marcados por questões de gênero, cada vez mais entrelaçados com outras vias identitárias, como raça, classe e territorialidade.

Tais impactos se manifestam em diferentes contextos, incluindo: a) o aumento do número de disciplinas incorporadas nos currículos de cursos de graduação e pós-graduação na área, abordando essas temáticas de forma central ou periféricamente; b) o desenvolvimento de projetos e grupos de pesquisa e extensão liderados por pesquisador/as/es que se concentram em gêneros e sexualidades em sua interseção com a História, refletindo um notável aumento de pesquisas nessas temáticas, presentes em monografias, dissertações e teses; c) a criação e implementação de grupos de trabalho em congressos e encontros na área

de História; e d) dossiês temáticos em diversos periódicos, evidenciando a pluralidade e diversidade de pesquisas sobre os gêneros e as sexualidades.

Com base nessas considerações, apresentamos o Dossiê sobre Gênero publicado pela **Mnemosine Revista**. O primeiro, intitulado *Mulheres nas Ciências, Carreiras Docentes e Espaços de Poder*, organizado pela pesquisadora Dra. Rosilene Dias Montenegro, trouxe reflexões relevantes sobre as práticas que dificultam o acesso das mulheres aos espaços de prestígio nas instituições científicas e universidades. Este dossiê (2023.2), *Perspectivas Críticas sobre Gênero e Feminismos*, propõe um debate abrangente sobre outras questões que permeiam a experiência das mulheres e da comunidade LGBTQIA+.

Em sua abordagem crítica e reflexiva, este dossiê busca ampliar o diálogo acadêmico, contribuindo para o entendimento mais abrangente sobre as complexidades inerentes às questões de gênero e feminismos.

Prof. Dr. Fábio Ronaldo da Silva

Universidade do Estado da Bahia (UNEB).